

# A SOCIEDADE MÉDICA DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

**Luiz Damas Mora**

*Presidente da Comissão do Património Cultural do CHULC, EPE  
Ex-Director do Departamento de Cirurgia Geral do CHLC, EPE  
Ex-Presidente do Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa*

Os Hospitais Civis de Lisboa (H.C.L.), foram criados em 1914 – Decreto nº 1:137, de 27 de Novembro de 1914, publicado em 3 de Dezembro, promulgado por Manuel de Arriaga – e, extintos pelo Dec. Lei nº 27/2013, de 19 de Fevereiro, assinado por Aníbal Cavaco Silva, ficando assim a um ano de atingir o centenário, ao invés do que é voz corrente. Todavia aquela designação já era anteriormente usada como, por exemplo, no relatório de Curry Cabral “O Hospital Real de S. José e Anexos”, publicado em 1910, onde o termo aparece por diversas vezes.

Quando da sua criação englobava os hospitais de S. José (fundado em 1775), S. Lázaro (1841), Desterro (1857), D. Estefânia (1877), Arroios (1892), Stª Marta (1903) e Rêgo – mais tarde Curry Cabral – (1906). Só em 1928 se lhes junta o Hospital de Stº António dos Capuchos.

A sua dispersão na malha urbana da capital foi fonte de grandes dificuldades logísticas, mas, ao mesmo tempo, factor de congregação, tornada necessária para que pudesse constituir uma unidade funcional. Na realidade este conjunto heterogéneo não podia dispensar pontes que o transformassem numa instituição conduzida por critérios comuns, entre os quais, a administração, personificada então no Enfermeiro-Mór, a carreira hospitalar com os seus concursos, a Sociedade Médica dos HCL responsável pela edição do Boletim Clínico dos HCL e, finalmente, um departamento com características únicas em todo o mundo, o Banco do Hospital de S. José.

Propomo-nos fazer uma breve história destas verdadeiras instituições ao longo de vários números da “Newsletter”, começando, pela Sociedade Médica dos HCL, que tanto prestígio trouxe à casa-mãe.

No final dos anos 30 do século XX, por razões circunstanciais, juntou-se no Hospital de Arroios um grupo de médicos e cirurgiões dotados de grande dinamismo e de interesse pela cultura médica, e assim foram criadas as condições para o aparecimento da Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa (SMHCL), cuja finalidade era a troca de conhecimentos entre os vários serviços dos sete hospitais e o intercâmbio cultural com grandes figuras do mundo médico nacional e internacional.

Foi Diogo Furtado (1906-1964), neurologista dos Hospitais e professor agregado da Faculdade de Medicina de Lisboa, o grande impulsionador deste movimento a que alguns, inicialmente, foram indiferentes ou, mesmo, hostis, mas o corpo clínico de Arroios chamou a si com entusiasmo o plano de Furtado.

Ao quadro do Hospital de Arroios pertenciam: Reynaldo dos Santos (1880-1970), Augusto Lamas (1888-1958), cirurgião dos HCL e urologista, Pereira Caldas, radiologista, Cid dos Santos (1907-1975), cirurgião (mais tarde cirurgião vascular) e Carneiro de Moura (1908-1971), também cirurgião, (mais tarde urologista), que tinham o seu serviço no rés-do-chão do hospital, e Xavier Morato (1906-1980), Alfredo Franco, José de Mello e Castro, e Pena de Carvalho, todos, futuramente assistentes de medicina dos HCL, cujo serviço ocupava o primeiro andar do hospital. O director da Medicina era Aníbal de Castro (1880-1952) que criou no próprio serviço um pequeno laboratório para o qual chamou Dias Amado e Roberto Chaves, analistas (actualmente denominados patologistas clínicos) dos HCL.

Dentro do hospital começou a desenvolver-se uma intensa actividade científica que atraiu jovens médicos dos outros hospitais, e foi assim que nasceu o termo “*Universidade de Arroios*”. As sessões realizavam-se na capela do antigo convento franciscano que ali existira, que passou a ser considerada a “*Aula Magna da Universidade*”.

Foi então que Diogo Furtado, com total apoio de Aníbal de Castro, lançou as bases da futura Sociedade Médica dos HCL.

A Furtado tinham-se juntado Jacinto Moniz de Bettencourt (1908-2005), mais tarde professor de Fisiologia da FML, Henrique von Bonhorst (Internista), Armando Luzes (Cirurgião) e Adelino Costa (1898-1962 - Cirurgião).

A primeira reunião teve lugar no Salão Nobre do Hospital de S. José em 19 de Janeiro de 1940, presidida pelo Enfermeiro-Mór, o coronel Nepomuceno de Freitas.



Os Fundadores da SMHCL:  
Dr. Álvaro de Castro,  
Dr. Xavier da Costa,  
Prof. Doutor Adelino Costa  
e Prof. Doutor Diogo  
Frutado  
(in "Omnia Sanctorum – Histórias  
da História do Hospital Real de  
Todos-os-Santos e seus  
sucessores";  
cortesia do Dr. Jorge Penedo)

A presidência da Sociedade foi entregue a Aníbal de Castro, sendo Diogo Furtado, secretário-geral, aos quais se agregaram, como vogais, o oftalmologista Xavier da Costa e Adelino Costa.

Nesse mesmo ano foi entregue à Sociedade o Salão Nobre do Hospital de Santo António dos Capuchos, onde passaram a decorrer as sessões, e que ficou desde então conhecido como a *"Sala da Sociedade Médica"*.

Diogo Furtado viria a desempenhar aquele lugar, sempre desenvolvendo grande actividade, durante 15 anos. Como afirmou Bettencourt: *"A Sociedade era ele"*.

Um dos primeiros conferencistas da SMHCL foi Friedrich Wohlwill (1881-1951), anatomopatologista alemão recentemente chegado a Portugal, e que, na sessão de 9.7.1941, dedicada ao tifo exantemático, dissertou sobre a Anatomia Patológica da doença com projecção de numerosas microfotografias.

Em pouco tempo a Sociedade ganhou prestígio nacional e internacional, o que lhe permitiu receber grandes figuras médicas como Hans Selye (1907-1982), mundialmente conhecido pelos seus trabalhos sobre *"stress"* e a síndrome geral de adaptação, Gregório Marañon (1887-1960), professor de

endocrinologia da Faculdade de Medicina de Madrid, e intelectual reconhecido mundialmente, Sir James Purves-Stewart (1869-1949), director do serviço de neurologia do Westminster Hospital, Londres, Sir Price-Thomas (1893-1973), um dos pioneiros da cirurgia torácica, de Londres, Jean Bernard (1907-2006), professor de hematologia na Faculdade de Medicina de Paris, ou Jean Hamburger (1909-1992), professor de nefrologia na mesma Faculdade. O nível dos conferencistas dá a medida da credibilidade atingida pela Sociedade.



O Prof. Gregório Marañón no Salão Nobre do Hospital de Stº António dos Capuchos

Nos primeiros treze anos de vida desta, cerca de oitenta conferencistas estrangeiros com renome mundial marcaram a sua presença nas sessões da SMHCL na vetusta sala do Hospital dos Capuchos que, entretanto, tinha visto a assistência aumentar desde que, em 1953, no mandato de Manuel Cordeiro Ferreira, os internos graduados passaram a ser admitidos como sócios, tendo o número destes passado de 100 para cerca de cinco centenas. Os HCL por intermédio da SMHCL estavam em contacto íntimo como a nata da medicina mundial.

A SMHCL tornou-se, assim, num verdadeiro caldo de cultura médica, de tal modo que, num trabalho estatístico de Fernando Nogueira, concluiu-se que, em 1960, os HCL tinham contribuído com 24% da produção médica nacional em trabalhos científicos. As sessões, realizadas à noite, muitas vezes com a sala cheia e gente em pé, constavam de mesas redondas, conferências e, frequentemente, apresentação de casos clínicos, estabelecendo-se, então, vivas discussões com a assistência.

Mas, já anteriormente, a SMHCL extravasara os limites dos Hospitais e adquirira prestígio social e até político. Na sessão inaugural do ano académico em 2 de Dezembro de 1955, Diogo Furtado, recentemente eleito presidente da Sociedade, fez a alocução presidencial subordinada ao tema “*O Hospital e a formação do médico*”. A mesa era presidida por Baltazar Rebelo de Sousa, então subsecretário de Estado da Educação Nacional, que tinha à sua direita Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para Alta Cultura e, à sua esquerda, o Enfermeiro-Mór Emílio Faro e Cristiano Nina, novo secretário-geral da Sociedade.

Na sessão seguinte, em 12 de Janeiro de 1956, Almerindo Lessa expunha o tema “*Problemas médico-legais, antropológicos e sociais da imunohematologia*”, e na assistência estavam o conhecido advogado Adelino da Palma Carlos, que foi convidado para a mesa, e Delfim Santos, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, tendo ambos participado no debate.

A sessão de 5 de Novembro de 1959 foi presidida por Henrique Martins de Carvalho (1913-1994) Ministro da Saúde e Assistência, que estabelecera um novo tipo de diálogo, mais aberto, com os médicos. Valadas Preto lembrou-lhe a necessidade de resolver alguns problemas fundamentais dos HCL. Esta reunião foi memorável e insólita para a época, porque um interno graduado, Manuel Sá Marques, conhecido pelas suas posições políticas de esquerda, invectivou o ministro lembrando-lhe as promessas que fizera um ano antes naquela mesma sala, e que estavam por cumprir, ao mesmo tempo que lhe chamava a atenção para as “remunerações ridículas” dos médicos hospitalares, com o que o governante concordou, ficando de estudar o problema.

No entanto, nem tudo corria a gosto das várias direcções, e na alocução inaugural do ano académico de 1963, o novo presidente, Jacinto Bettencourt, queixava-se de que, apesar de terem sido criados prémios pecuniários e de, assim, se tentar aliciar os internos, estes não manifestavam o interesse que deles se esperaria, não em trabalhos de ciência pura para os quais os HCL não estavam vocacionados, mas no campo da investigação clínica, esse sim, um imenso terreno a explorar.

Com altos e baixos, a SMHCL e o seu Boletim foram, indiscutivelmente, um factor de união dos vários hospitais e um estímulo para a apresentação e publicação de trabalhos, principalmente de natureza clínica, mas a sua produção ressentiu-se, inevitavelmente com o abrandamento da actividade da Sociedade.

Como dissemos, a SMHCL foi sempre um factor de agregação dos HCL, e quando os elos desta pareciam quebrar-se renascia a consciência da sua necessidade para salvaguardar os valores perenes da instituição.

Com o desenvolvimento das especialidades, que passaram a organizar-se em sociedades autónomas, e a degradação das carreiras médicas, a partir dos anos 70 a Sociedade começou a perder dinamismo e, durante alguns anos, no post-25 de Abril, manteve, apenas, uma actividade discreta.

Um novo fôlego ser-lhe-ia trazido por Barros Veloso (1987-1989)<sup>1</sup>, em cujo mandato os Estatutos foram revistos, passando os internos, mediante um, nunca contestado, pequeno desconto anual no vencimento a ser admitidos como sócios com voto deliberativo incluindo a eleição da Direcção<sup>2</sup>.

Foi, então, também, que se organizaram, em 1988, três jornadas científicas, que tiveram o maior êxito, e que foram o embrião dos futuros Congressos Científicos dos HCL, o 1º em 1992, quando da comemoração do V Centenário da Fundação do Hospital de Todos-os-Santos, sob a presidência de Nuno Cordeiro Ferreira (que, em 1984, tinha proposta a realização de congressos bienais)<sup>3</sup>, o 2º em 1995, presidido por Barros Veloso, sendo, a partir de então, presididos por inerência pelo Presidente da SMHCL, que passou a ser a entidade organizadora. O último, o 8º, decorreu em 2008. Os congressos despertaram sempre o maior interesse, tendo quase desde o princípio contado com a colaboração activa do corpo de enfermagem.

Ao longo do século XX e início do século XXI, foram, com mandatos de 2 anos, presidentes da SMHCL: Aníbal de Castro, como já vimos, Carlos Santos, radiologista (1941), Azevedo Neves, professor de Medicina Legal (1943), Henrique Bonhorst, internista (1945), Alberto Gomes, cirurgião geral (1948), Carlos Larroudé, otorrinolaringologista (1950), Armando Luzes, cirurgião geral (1952), Manuel Cordeiro Ferreira, pediatra (1953), Diogo Furtado, neurologista (1956), Jacinto Bettencourt, internista e cardiologista (1958), Manuel Cordeiro Ferreira (2º mandato: 1959), Iriarte Peixoto, internista e endocrinologista (1961), Jacinto Bettencourt (2º mandato: 1963 e 3º mandato: 1965), Cristiano Nina, internista e infecciosologista (1968), Mendes Ferreira, cirurgião geral (1969), Almerindo Lessa, hematologista e transfusionista (1972), Filipe da Costa, cirurgião geral (1974), Alfredo Franco, internista e cardiologista (1978), Machado Macedo, cirurgião cardio-torácico (1980), Alves Pereira, cirurgião geral (1982), Nuno Cordeiro Ferreira, pediatra (1984), Barros Veloso, internista (1988), Mendes de Almeida, cirurgião geral (1989), Lacerda Nobre, internista (1995), Pinto Soares, dermatologista (1998) e Luiz Damas Mora, cirurgião geral (2000).

---

<sup>1</sup> Barros Veloso, A. J. – “O desafio posto à nova direcção”, Bol. Clínico dos HCL, 1989; 46 (1-2) :151-152.

<sup>2</sup> Infelizmente, em 2000, este contributo vital para a manutenção da SMHCL, viria a ser posto em causa por um dos sócios, que conseguiu, como pretendia, abalar as bases financeiras da Sociedade e, com isso, ameaçar a própria existência desta. O número de sócios passou, então, de mais de 1000 para 300.

<sup>3</sup> Constituíam a Comissão Organizadora do “V Centenário” os médicos: Avelino Espinheira (Presidente), Nuno Cordeiro Ferreira, António José Barros Veloso, João Manuel Nunes Abreu, João Carlos Fernandes Rodrigues, João Carlos Nunes Corrêa e Rogério de Carvalho, e a do Congresso: Nuno Cordeiro Ferreira (Presidente), António José Barros Veloso, João Carlos F. Rodrigues, José Queirós Pinto e José Rosado Pinto.

## GALERIA DOS PRESIDENTES DA SOCIEDADE MÉDICA DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA NO SÉCULO XX



modificado de um trabalho do Dr. Luis Silveira Botelho

No século XXI: José Roquette, cirurgião cardio-torácico (2002), Rosado Pinto, alergologista e imunologista (2004), Pereira Alves, cirurgião geral (2006) e Gonçalo Cordeiro Ferreira (2008), pediatra, sendo este o último, pois a SMHCL, sem nunca ter sido, oficialmente, extinta, foi desaparecendo lentamente, com dificuldades financeiras e vitima dos vários factores de desagregação dos HCL

## Os Presidentes da SMHCL no séc. XXI



Prof. Doutor  
José Roquette



Prof. Doutor J.  
Rosado Pinto



Prof. Doutor C.  
Pereira Alves



Dr. G. Cordeiro  
Ferreira

Não pode deixar de se registar um fenómeno da maior importância que teve ponto de partida na SMHCL. Em 1981, Luís Machado Luciano, que fizera toda a carreira nos HCL e era então cirurgião do Hospital Distrital de Setúbal (S. Bernardo) e Fonseca Ferreira, antigo graduado de Medicina dos HCL, que regressara da Faculdade de Medicina de Lourenço Marques (actual Maputo), onde era docente, criaram à imagem e semelhança da SMHCL, que bem tinham conhecido, a Sociedade Médica dos Hospitais da Zona Sul (SMHZS), que, incluía os Hospitais de quase toda a metade sul do país. Durante cerca de 30 anos promoveu congressos bienais, fundou uma revista, realizou mais de 90 reuniões clínicas inter-hospitalares com a apresentação de centenas de comunicações de mais de 1000 casos clínicos.

## Os fundadores da SMHZS



Prof. Fonseca Ferreira



Dr. L. Machado Luciano

Com a evolução das mentalidades e os progressos tecnológicos que passaram a dominar a comunicação científica, muitas destas instituições sofreram um



processe de autofagia e, melancolicamente, foram-se extinguindo lentamente. Foi o que aconteceu à SMHCL e à sua congénere SMHZS.

Mas, olhando para trás, o balanço de uma e de outra foi francamente positivo.

Outubro, 2018